

ANDREA LACOMBE*

SOBRE SAIAS, CALÇAS E BONÉS: EXPRESSÃO DE
GÊNERO, GERAÇÃO E SEDUÇÃO ENTRE MULHERES
QUE "GOSTAM DE MULHER"

Resumo: *O presente trabalho pretende analisar os modos particulares em que expressão de gênero e idade/geração se entrelaçam para conformar as sociabilidades dos grupos que se constituem em três espaços de divertimento noturno: Arena e Plural, duas boates denominadas GLS localizadas em Nova Iguaçu, área metropolitana do Rio de Janeiro, e os Bailes da Mary, organizados uma vez por mês no Clube Olímpico no bairro de Copacabana. Particularmente o escopo estará colocado nos grupos de mulheres que frequentam estes espaços e no cruzamento entre a heterogeneidade etária e de estéticas que ali aparecem para tentar enxergar quais masculinidades ali emergem.*

Palavras-chaves: *Gênero, sociabilidade, masculinidade, identidade*

Abstract: *The present article examines the particular ways in which gender expression and age/generation intertwine to shape the sociability of the groups that constitute three spaces of night fun: Plural and Arena, two nightclubs called GLS located in Nova Iguaçu Delhi, metropolitan area of Rio de Janeiro, and Baile da Mary (Mary's Party), organized once a month at the Clube Olímpico in Copacabana. Particularly the scope will be placed in groups of women attending these spaces and the intersection between age heterogeneity and aesthetic appearing there to try to see which masculinities emerge there.*

Keywords: *gender, sociability, masculinity, identity*

* Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem suas pesquisas desenvolvidas em Estudos *Queer*, com ênfase nos seguintes temas: lesbianismo, estudos de gênero, masculinidade, direitos sexuais e reprodutivos e sexualidade. Atualmente faz seu pós-doutorado no Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu-Unicamp, PAGU-UNICAMP, Brasil.

O presente trabalho pretende analisar os modos particulares em que a expressão de gênero e idade/geração, duas variáveis de constituição do público de estabelecimentos de divertimento noturno orientados ao coletivo LGBT¹ no Rio de Janeiro, se entrelaçam para conformar as sociabilidades dos grupos que se constituem no interior de cada recinto. Particularmente o escopo estará colocado nos grupos de mulheres que os frequentam e no cruzamento entre a heterogeneidade etária e de estéticas que ali aparecem para tentar enxergar quais masculinidades ali emergem. Este cruzamento traz consigo a convivência de lógicas e visões diversas sobre quais sujeitos e corporeidades podem ou devem fazer ou deixar de fazer em relação à moda, papéis sexuais e comportamentos na noite. Existem lógicas tácitas ou explícitas, sobre estes lineamentos? O sentido da frase é que estas lógicas funcionam ‘como’ estratégias de legitimação e deslegitimação. no que respeita à constituição de grupos e ordenamento moral dentro dos recintos? Como se expressam essas masculinidades? Estas são as perguntas através das quais tentarei descrever diferentes modelos e concepções de sexualidade, masculinidade/feminilidade, e *ethos* das parcerias eróticas entre mulheres e assim desenhar um universo de significação moral que dá coesão e sentido às diferentes malhas de sociabilidade presentes no campo.

Este trabalho faz parte da minha tese de doutorado² cujo campo foi desenvolvido entre 2006 e 2008 em três espaços de divertimento noturno: Arena e Plural, duas boates denominadas *GLS* localizadas em Nova Iguaçu, área metropolitana do Rio de Janeiro, e os Bailes da Mary, organizados uma vez por mês no Clube Olímpico, no bairro de Copacabana.

O público que frequenta os espaços de divertimento noturno é uma das principais variáveis da constituição e do caráter particular de um determinado lugar. Cada grupo que o conforma reúne uma série de características e estilos que pressupõem diferentes subjetividades em diálogo com as expressões de gênero, a procedência social e a idade, pressupondo também diferentes corporalidades. Em seu artigo sobre a estética em comunidades de lésbicas negras nos Estados Unidos, Mignon Moore (2006) utiliza as denominações apresentação de gênero ou apresentação física de gênero para se referir a “certo tipo de normas generificadas através da vestimenta, a maquiagem, enfeites e marcas corporais permanentes ou reversíveis”

¹ Em relação aos grupos de ativismo político, a sigla atualmente utilizada no Brasil é LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros), “politicamente correta”, já que inclui outras minorias além dos gays e lésbicas, consideradas pelo ativismo internacional como parte da causa em defesa do reconhecimento dos direitos das diferenças sexuais. Na I Conferência Nacional LGBT, realizada em Brasília, em junho de 2008, a antiga sigla foi reconfigurada, mudando de GLBT para LGBT, para atender a uma antiga demanda das agrupações de lésbicas no intuito de visibilizar sua luta.

² Ler [se] nas entrelinhas. Sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins. Andrea Lacombe. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2010. Agradeço a bolsa outorgada pelo CNPq para a realização do doutorado (2005-2009).

(2006, 114), quer dizer, marcadores físicos presentes tanto na vestimenta quanto na linguagem e a hexis corporal que comporta a apresentação de si. Essas marcas que imprimem contornos específicos aos corpos dessas mulheres constituem expressões de gênero que permitem enxergar os modos em que certas características da vida social se manifestam nos lugares pesquisados e quais os traços da vivência da sexualidade que se tecem nessa trama.

A vestimenta, por sua vez, funciona como uma interface, um duplo vínculo entre o pertencimento e a diferenciação, tanto para dentro quanto para fora dos grupos que constituem o público. O jogo entre as diferentes apresentações de gênero percorre o caminho da imitação e da diferença; a imitação que, em palavras de Simmel (1969), concede uma salvaguarda contra a eventualidade de se encontrar abandonado nos próprios atos, consolidando a sua firmeza em anteriores resultados da mesma ação o que permite eliminar a suspeita de um novo ato ser um malogro. A diferença, que consolida as individualidades ao mesmo tempo em que espelha a diversidade presente nos lugares pesquisados. No anseio entre ambas desenham-se critérios de *normalidade* construídos ao redor da tríade vestimenta-idade/geração-expressão de gênero.

A idade cronológica, como explica Guita Debert, adquire relevância como dado sociológico quando se configura como marcador interno no grupo e não *per se*. As categorias de idade são constitutivas de realidades específicas, “uma vez que operam recortes no todo social, estabelecendo direitos e deveres diferenciais em uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios”. (Debert, 1998: 53). Nesse sentido, veremos como tanto idade quanto geração operam no campo na conformação dos grupos e das moralidades. A idade cronológica aparece como constitutiva da estratificação do público, enquanto a geração dita regras morais em torno à sedução e a estética relacionadas com as expressões de gênero.

QUEM É QUEM

Um dos particularismos dos espaços pesquisados é a heterogeneidade etária do público que os frequenta, o que traz consigo a convivência, nem sempre feliz, de lógicas e visões diferentes sobre o que uma geração e outra podem ou devem fazer ou deixar de fazer em relação à estética, papéis sexuais e comportamentos na noite. Essas diferentes visões funcionam como estratégias de legitimação e deslegitimação no que respeita à constituição de grupos e ordenamento moral dentro dos recintos.

Nos *Bailes da Mary* a média de idade é mais elevada, já que quase não existem frequentadoras de menos de 30 a 35 anos, e as particularidades da divisão etária são diferentes devido à homogeneidade na faixa, pesando mais as diferenças da apresentação de gênero para dentro das faixas. Uma hipótese possível a respeito é o modo pelo qual os lugares pesquisados se constroem. Enquanto Plural e Arena funcionam periodicamente em um espaço particular, pensado e reconhecido especificamente com a significação de uma casa de baile para pessoas que procuram parceir@s do mesmo sexo ou um lugar de recreação para casais homossexuais, os *bailes da Mary* têm outra origem e ocorrem em outro contexto.

Estes bailes surgiram no ano 2003, a partir de um aniversário da organizadora. O lugar onde acontecem, o Olímpico, é um clube privado que aluga seu salão principal de festas para esse fim em particular, uma vez por mês. Consequentemente, o público da primeira época está formado pelas amigas da Mary e, imediatamente depois, pelas amigas delas. A diferença da Plural e a Arena, onde o local preexiste às relações que nele se desencadeiam, aquilo que constitui o Olímpico é uma rede privada – e sempre crescente – de relacionamentos. Os *bailes da Mary* pertencem a uma rede de festas e encontros³ de circulação restrita, semi-privada à qual só é possível acessar através de conhecidas. Esses eventos são pontos nodais e, em certo sentido, tangenciais, cujo referencial maior é a pessoa que os organiza quem sempre pertence à rede e geralmente é membro antigo o que lhe outorga certa autoridade, legitimando a proposta. Esta modalidade cria uma trama de contatos que tem uma característica importante: a referencialidade. As pessoas entram na rede por indicação de alguém que as introduz e serve de aval e referência para o grupo, constituindo assim o que Elizabeth Bott (1976) descreve como uma “malha estreita de relações” onde os papéis das integrantes estão bastante bem definidos, delineados, o que gera certos tabus e regras sobre a composição dessa trama a respeito dos possíveis intercursos amorosos entre as integrantes, moralizando a rede. A disseminação das normas de convivência e de comportamento no local é de responsabilidade tácita das frequentadoras que apresentam novas integrantes. De modo análogo, as punições pelas transgressões dos códigos serão individuais – no caso de se tratar de uma frequentadora antiga – ou grupais – em se tratando de uma nova, as responsáveis serão também aquelas que a incluíram na rede.

Como já foi mencionado, entre a Plural e a Arena a idade das frequentadoras constitui um diferencial, entretanto, os critérios estéticos imperantes são similares. Tanto na boate Plural quanto na Arena existe um amplo

³ Tais como 'arraiaás GLS em Saquarema', 'festa de halloween' em sítios da zona oeste da cidade e os churrascos em Méier um domingo ou sábado no mês.

leque de estéticas e estruturas de casais. Esta variável apresenta marcas diferentes e visíveis que terá seu correlato no momento de procurar uma parceira, portanto, no olhar na hora da sedução. O grupo etário que vai dos 25 aos 35 anos é a dobradiça entre ambos os lugares, já que são elas as que frequentavam a Plural e agora vão para a Arena. Calça jeans, camisetas de algodão estilo “*baby look*”⁴ e tênis tipo all-star ou esportivos que podem ser substituídos por sandálias estilo treading no verão, conformam a estética predominante nesta faixa. Em relação ao cabelo, não há um parâmetro definido nem forma uma marca preponderante na definição de papéis de gênero. O uso de acessórios é despojado: poucos ou nenhum anel, geralmente grande e de metal e sem pedras ou adereços; correntes finas de metal sem pingente ou com algum pequeno; se tiver, relógio grande tipo esportivo; pulseiras variadas, mas sempre ‘descoladas’ (nunca do estilo escravas, por exemplo); unhas curtas e sem pintar e ausência de maquiagem ou, quando houver, rímel.

É importante marcar que este modo de vestimenta mais *unissex* tem correlato na constituição de casais que poderíamos denominar de mais “igualitários”, pelo menos na aparência estética. Em texto sobre uma pesquisa exploratória junto à sex-shops em São Francisco e Berkeley sobre preferências e demandas homoeróticas, Filomena Gregori descreve um tipo de casal homoerótico masculino denominado pela cultura local como *clones* onde a semelhança na apresentação de gênero “parece indicar a eliminação de qualquer referente que implique o enfrentamento da diferença seja ela estabelecida em termos de gênero, seja em termos de outras variáveis como cor da pele, estatura anatômica, etnia, estilo pessoal ou ainda gosto ao vestir” (Gregori, 2005: 7). Segundo a autora, este par “é uma alternativa simbólica para o casal que não só é constituído por parceiros do mesmo sexo, como por um duplo que extrapola ao limite os conceitos de simetria e de igualdade” (ibid: 9). A configuração estética de casal que descrevi anteriormente como predominante na faixa etária intermediária nas boates pesquisadas não pode ser considerada como um *clone*, porém, a procura pela simetria e a igualdade guarda sim relação com esta dupla americana já que não é na complementaridade nem na reunião de opostos, mas na semelhança e na simetria estética que este tipo de casal se constrói como tal.

Esta descrição feita para a faixa etária de 25-35 anos estende-se também para algumas da faixa etária seguinte que chega até os 60 anos, aproximadamente. Esta faixa é a que maior variedade estilística apresenta. Nesta faixa encontramos apresentações de gênero masculinas, *unissex* e femininas

⁴ Denominação dada às camisetas de malha de algodão, manga curta, apertada de tal modo que marque o torço, diferente das outras camisetas mais largas que escondem as formas do corpo.

com correlatos na constituição dos casais: o par masculino-feminino é mais comum entre as mais velhas e o estilo *unissex* está mais presente entre as mais novas dessa faixa.

Regina Facchini descreve uma divisão similar nas apresentações de gênero das boates do centro de São Paulo: “O modo como diferenciações em torno de gênero e sexualidade aparecem na área do centro velho remete a recortes de classe e geração. Entre as mais velhas a distinção entre ‘masculinas’ e ‘femininas’ parece mais rígida, aderindo a padrões mais ‘tradicionais’ (Facchini, 2008: 119). Entretanto, é notável a ausência do par masculino-masculino tanto na pesquisa de Facchini como nos três lugares por mim pesquisados no Rio de Janeiro o que também é levantado por Moore (2006) no seu trabalho de campo sobre estética em comunidades de lésbicas negras em Nova York. Já o par feminino-feminino é mais frequente entre as mais jovens das boates Plural e Arena, sem deixar de ser excepcional.

Entre as mais novas, a estética heteronormativa recria o binário observado nos bares da região onde estão localizadas as boates, na denominada “rua da lama”, marcada por um diferencial na expressão de gênero que se continua na constituição dos casais onde o par masculino-feminino impera. O visual daquelas mais femininas está composto por vestido ou saia curtos, sempre acima do joelho com ampla gama de cores; blusa com decote amplo e às vezes com as costas descobertas; maquiagem; abundante bijuteria geralmente de metal que inclui anéis, pulseiras douradas ou prateadas, dependendo do resto da indumentária, correntes combinando com as pulseiras e brincos de argola grande, vistosos; cabelo comprido liso de chapinha; saltos altos variados com predominância de sandálias de salto agulha (pretos, dourados ou prateados) e plataformas. Calça tipo “cargo” ou jeans escuros, preferentemente azul, largos que não marquem as curvas das pernas e a bunda, tênis tipo all star, bermudas e sandálias estilo *trekking* quando o tempo está muito quente, camisetas mais largas de manga curta ou sem mangas estilo regata nem solta nem muito apertada e às vezes boné ou um tipo de chapéu de tecido de algodão com uma trama quadriculada colocados de lado e às vezes cordões de metal de elos prateados estilo *hip hop*, constituem a estética das mais masculinas.

Este visual mais masculino que acabo de descrever, incluído o chapéu, assemelha-se fortemente com o dos homens mais femininos da mesma faixa etária que frequentam o lugar. Este *continuum* androgininza os limites da díade homem-mulher e reafirma os da díade masculino-feminino. A apresentação de gênero descrita materializa o binário para dentro de cada sexo e não entre eles. Todavia, a androginia se articula na inversão: nas pontas e não no miolo do leque. O estilo adotado pelas meninas mais

masculinas também guarda semelhanças com as vestes usadas pelos homens mais jovens que frequentam os bailes funks descritas por Mylene Mizrahi (2006) o que pode supor a apropriação de um estilo masculino popular presente em contextos de forte diferenciação sexual como são este tipo de bailes onde masculino e feminino estão claramente definidos na vestimenta, o tipo de movimentos e o estado de espírito (Mizrahi, 2006: 53).

O gênero, explica Butler (2000:102), não é uma atuação que um sujeito anterior escolha, ele é *performativo*, já que constitui, como um efeito, o sujeito que parece exprimi-lo. Preserva-se a divisão genérica, mas destituiu-se o primado da divisão [hetero]sexual no sentido do atrelamento entre masculino-homem; feminino-mulher: “*que la heterosexualidad esté siempre en acto de elaborarse a sí misma pone en evidencia su riesgo perpetuo, esto es, que ella ‘sepa’ de la posibilidad de quedar inacabada: por lo tanto, su compulsión a repetir es a la vez una exclusión de lo que amenaza su coherencia*” (ibid, 101).

○ CALÇADO COMO DIFERENCIAL

Salto alto, sandália de couro, tênis de corrida, tênis de rua, sandália de treaking, coturnos, tamancos, sandálias de salto alto, mocassim, sapato de couro, sapatilha... a variedade de calçados que se pode encontrar olhando para o chão é uma metáfora que ajuda a entender a diversidade de estilos presentes nas casas de divertimento pesquisadas. Neste sentido, uma questão interessante de ser relatada é a diferenciação de papéis que o calçado denota, às vezes, na constituição dos casais que frequentam tanto a Arena como a Plural. Alguns exemplos: um casal de mulheres na faixa dos trinta anos: calça jeans azul escuro, camiseta *baby look* (de diferentes cores, uma branca e a outra verde seco) e decote redondo na base, ambas de cabelo comprido escuro (uma, cacheado e a outra, escovado), sem maquiagem e com pouca *bijuteria*; uma veste tênis de corrida e a outra sandália de salto alto preta com detalhes em prata. Outro casal, um pouco mais jovem, na casa dos 25 anos, trajadas com saia curta (um pouco mais comprida do que mini-saia, quer dizer na metade da coxa), blusa sem mangas colada no corpo com decote amplo e costas descobertas, abundante *bijuteria* (pulseiras e anéis de metal prateado, brincos e correntes douradas com elos pequenos e pingentes), maquiadas; uma veste sandálias tipo *treaking* pretas e a outra sandálias de couro com plataforma de cortiça. Geralmente a diferenciação do calçado vai acompanhada de comportamentos mais *corteses* ou mais *receptivos* dessa cortesia, respectivamente, como abrir a porta, fazer a fila para comprar bebidas, servir bebida no copo ou dar a mão para subir a escada. De todo modo, também pude observar que esses mesmos casais podem mudar a vestimenta para pontos mais extremos do leque estético

da expressão de gênero no tocante à tipificação entre o masculino e o feminino, sempre respeitando os papéis que se evidenciavam nos sapatos.

Pensar em uma boate GLS⁵ é pensar em um universo de entrecruzamentos múltiplos de pessoas que, aparentemente, só têm como característica comum o fato de gostarem de pessoas do mesmo sexo.⁶ Essa característica faz com que outras marcas como a classe e a cor fiquem subsumidas na hora de interagirem dentro destes espaços e percam o destaque que podem ter fora, sendo deslocadas pelas marcas de idade e estética que se constituem à luz do jogo do binário masculino-feminino. O meio termo do binário é o foco, a hiperfeminidade ou a hipermasculinidade, as pontas do leque ou as fronteiras da abjeção cujo centro é a moderação, tanto do masculino quanto do feminino: nem machão nem mulherzinha, mas cavalheiro e dama. Não estou dizendo, no entanto, que as variáveis clássicas antes mencionadas não tenham ingerência nas gramáticas das relações internas dos lugares, e sim que passam a um segundo plano porque é a naturalização dos usos o que prevalece. A desconstrução desses usos é, portanto, tarefa a se enfrentar para desvendar os pontos comuns entre @s frequentador@s desses lugares, já que, nas palavras de Halberstam (2005: 8), é preciso desnaturalizar os usos do espaço e do tempo que escurecem as construções das práticas espaciais.

“VELHA? NEM A VOVÓZINHA!”⁷: CÓDIGOS DE VESTIMENTA, GERAÇÃO E SEDUÇÃO

Um dos particularismos dos espaços pesquisados é a heterogeneidade etária do público que os frequenta, o que traz consigo a convivência, nem sempre feliz, de lógicas e visões diferentes sobre o que uma geração e outra podem ou devem fazer ou deixar de fazer em relação à estética, papéis sexuais e comportamentos na noite. Essas diferentes visões funcionam como estratégias de legitimação e deslegitimação no que respeita à constituição de grupos e ordenamento moral dentro dos recintos.

Nos *bailes da Mary* a estética é tão variada quanto a constituição dos casais. Algumas das mulheres vestem saia até o joelho, blusa, meias de nylon,

⁵ Sigla utilizada no Brasil para identificar lugares específicos de socialização de gays e lésbicas; a letra S corresponde a "simpatizantes", como um modo de expressar a abertura a pessoas que, mesmo não praticando atividades homoeróticas, podem frequentar aqueles espaços. Esta sigla também é utilizada pelos gays e lésbicas em sua autodefinição.

⁶ Não estou incluindo nesta categoria às pessoas trans.

⁷ Inspirada no título do livro *Velha é a vovozinha. Identidade feminina na velhice*, de Flávia de Mattos Motta, depois de observar as intra-festas organizadas dentro dos Bailes da Mary para comemorar o nascimento de netos de várias *habitués*.

sapatos de salto (embora não muito alto), agasalho de lã com botões narcarados, unhas curtas – porém, cuidadosamente feitas e pintadas –, óculos de correção, cabelo curto pintado e maquiadas. Pela descrição, “não dão pinta”, quer dizer, o tipo de vestimenta, a hexis corporal, o penteado, o olhar e a maquiagem não são percebidos pelas outras mulheres como sinais visíveis delas serem lésbicas ou gostarem de mulheres.

Entretanto, aquelas mulheres aparecem com suas parceiras no Olímpico e têm expressões explícitas de carinho entre elas como estar de mãos dadas, se beijar apaixonadamente ou dançar juntas se sentindo “como adolescentes”, segundo as palavras que elas mesmas usam, ou “parecendo adolescentes” segundo algumas frequentadoras novas que olham com certo estranhamento o quadro. Elas conformam um grupo que, todas as vezes que eu fui naquele lugar, estavam sentadas com as mesmas companheiras, nas mesmas mesas em frente da pista. Parecem responder a uma conjugalidade igualitária: não há critérios estéticos diferenciados dentro dos casais. Nessa mesma faixa etária (entre cinquenta e setenta anos), também estão àquelas outras com uma apresentação de gênero masculina: calça comprida preta, cinto de couro com fivela de metal, colete ou paletó no mesmo tom, camisa branca, gravata também estilo rodeio e botas de cano alto ou sapatos de vestir de homem, acompanhadas de cabelo curto grisalho, unhas curtas sem pintar e a ausência completa de maquiagem. Esse grupo tem seu espaço nas mesas que ficam detrás do grupo anteriormente mencionado, contra a parede. Dentro deste estilo, encontrei várias vezes uma das freguesas com duas amigas – que costumavam compartilhar a mesa – e que, vira e mexe, estavam acompanhadas por diferentes mulheres, quase sempre mais novas do que elas. Essas parceiras ocasionais mais jovens portavam uma estética bem mais feminina: mini-saia ou calça apertada, salto alto, blusas com decote amplo, cabelo comprido, maquiagem e unhas compridas e pintadas. Geralmente, enquanto o trio das freguesas dialogava entre si, as outras ficavam caladas ou, mais raramente, conversavam entre elas.

As posições dentro do recinto, por sua vez, têm relação também com a economia de sedução que se desenha no salão. Sentar perto da pista permite olhar e ser olhada; é o lugar de maior exposição, não requerendo maior distanciamento das mesas na hora de dançar e tendo a vantagem de possibilitar a manutenção dos pertences por perto basicamente a bebida, que não é levada para a pista, mas consumida nas mesas. Sentar contra a parede é ficar fora de foco, mantendo, porém, a possibilidade de observar a ação a partir de um terreno tangencial sem ser olhada o tempo todo, *com as costas sob controle*, poderíamos dizer. As pessoas que estão nesta posição

precisam se deslocar para chegar à pista, o que traz a vantagem de se poder analisar a situação ao longo do caminho e de cruzar olhares com quem está sentada à frente e que pode ser seu objeto de interesse.

Na economia da sedução que se constrói nos bailes, o grupo que está mais próximo da pista aparece com uma atitude mais passiva, enquanto os que estão nas margens, uma atitude mais ativa, mais proposital, que parte do fato de se ter de ir para onde as outras já estão. Entre estes grupos existe, então, uma relação complementar que, de maneira *gestáltica*, compõe a trama espacial, agindo como *figura e fundo*, pontos de luz e de opacidade no lugar. Segundo as palavras de Butler (2002: 39), os corpos que materializam a norma são aqueles que atingem a categoria de “corpos que importam”, precisando, contudo, daqueles outros que não conseguem materializar a norma como apoio exterior ou “fronteira”, marca do excluído e não legitimado, corpos que não importam ou não “pesam”.⁸ Assim, a localização dos diferentes corpos dentro do recinto define pautas a respeito daqueles que são centrais e daqueles que são periféricos em relação aos critérios de subjetivação que imperam e *importam* no lugar.

Esses dois estilos até aqui apresentados aparecem como antagônicos, mas abrangem no meio um leque bastante mais amplo de outras possibilidades, aparentemente relacionadas com a idade e o estado de “à procura”, “procurada” ou “acompanhada.

“O barato dos *bailes da Mary* é que você aqui tem a boa e velha guarda sapatona do Rio de Janeiro”, me explica Tatiana,⁹ uma frequentadora não muito antiga, mas muito bem integrada no grupo de Neyla. Ela gosta do lugar pelo “clima ameno, a música, o ambiente descontraído e o respeito” já que “ninguém mexe com ninguém, são pessoas sérias, quer dizer não têm meninas fazendo intrigas.”¹⁰ Gosta também achar “mulheres e não meninas” e ver que “ainda nessa idade a gente se diverte, dança, paquera, namora... eu quero poder ser assim de velha, me dá esperanças”, ironiza. A vivência da velhice presente nos Bailes da Mary, e reivindicada por Tatiana como um anseio para sua vida, aparece a contrapelo das normalizações geracionais onde se divertir, namorar ou paquerar são atributos de juventude, portanto, fora de lugar para mulheres de 60 anos.

⁸ O título original do livro em inglês é *Bodies that matter*, construindo um trocadilho entre “corpos que importam” e “corpos que pesam”, isto é, corpos que adquirem sua materialidade incorporando as normas que os substancializam e subjetivam em detrimento daqueles que permanecem nas bordas da subjetivação e, enquanto abjetos, não conseguem essa tal materialização que importa na hora de se construir como sujeitos. Infelizmente, este jogo de palavras perde-se nas traduções.

⁹ Tatiana, de uns 38 anos e analista de sistemas, chegou até o Olímpico pela dica de uma amiga que já foi outras vezes e rapidamente fez amizade com Neyla com quem compartilha, aliás o interesse pelos cultos espíritas.

¹⁰ O que não é tão simples assim já que o fato dos bailes estarem inseridos em uma rede faz com que as brigas, intrigas e velhas renzilhas sejam acarretadas de um lugar para o outro, independente do espaço onde tenham começado.

Por sua vez, entrar nos *bailes da Mary* pode ser uma experiência radical que espelha nas mais jovens vivências da velhice distantes da imagem social sobre a terceira idade. “A primeira vez que entrei *na Mary* foi um impacto! a idade das mulheres, as roupas, era como ver a minha vovó na pista, isso mexeu comigo, será que estarei procurando alguém nessa idade? Tenho medo de estar solteira aos sessenta e ter que procurar alguém nesses lugares...” me explica Paula, uma cliente ocasional de uns 40 e poucos anos, frequentadora de boates de música eletrônica da Zona Sul carioca como a *Galeria Café* onde conheceu a sua atual namorada, uma médica tijuicana de 34 anos. “O declínio do desejo, a perda de atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexuada estão entre as principais marcas e condições do envelhecimento que sustentam, em grande parte, o repúdio e o medo generalizado do corpo em degeneração e, em contrapartida, a avaliação positiva que se faz da juventude”, explica Julio Simões (2004: 417). De todo modo, o repúdio também aparece, como pode ser observado na fala da Paula, no contrário do esperado socialmente, quer dizer na possibilidade da sedução, do desejo sexual e da solteirice. Ser velho/a significa não apenas ter determinada idade, mas investir determinados valores, crenças ou hábitos de sociabilidade onde as mulheres que frequentam os Bailes da Mary escapam, nesse sentido, da norma.

Entretanto, a idade cronológica também pode ser um marcador estigmático de invisibilidade que coloca as mulheres mais velhas nas margens do *mainstream* lésbico que tem, entre seus ideais, a juventude. Para Andreia Moraes (2009) a inscrição geracional configura um “campo de possibilidades” (Velho, 1994) para a construção de formas de ser homossexual e, no caso da homossexualidade feminina, o olhar geracional permite recuperar o lugar que a sexualidade ocupa na construção das trajetórias de vida. A velhice é vista por Moraes como uma oportunidade aberta para rememorar e construir os fios dessa história. A velhice é, simultaneamente, o tempo em que essa história se mantém e se conecta com projetos futuros; construindo-se, portanto, num momento de criação (Lins de Barros, 1998 *apud* Moreira, 2010: 220). Contudo, a idade também pode ser um marcador que pode agregar estigma na medida em que a juventude seja um atributo valorizado no *mainstream* lésbico. Segundo ressalta Pocahy (2008), a homonormatividade é outra forma de exclusão e de manutenção das regulações em torno dos binarismos de gênero e à sexualidade tida como normal, no cruzamento entre idade, raça/etnia e classe social.

O choque de Paula, e a dissonância cognitiva que lhe provocou a idade do público nos *bailes da Mary*, vão nesse caminho. As classificações por idade como aquelas por sexo ou por classe, explica Bourdieu, “acabam sempre

por impor limites e produzir uma **ordem**¹¹ onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar” (1983: 112). Para Paula, as frequentadoras dos *Bailes da Mary* e os modos de se comportar no recinto desordenam sua percepção da velhice como um estágio de apaziguamento e sobriedade nas práticas de socialização; as atitudes do público fogem dos padrões estipulados socialmente para *senhoras da terceira idade* que, na sua cabeça, poderiam ser a sua avó. Não é por acaso que uma amiga de Paula (da mesma faixa etária, professora universitária e moradora do posto 6, em Copacabana) que foi algumas poucas vezes no Olímpico me perguntou “o que você faz neste zoo?” Eu, com 35 e 36 anos no período do trabalho de campo, fazia parte da mesma faixa etária delas. Esta situação produzia certo estranhamento e curiosidade em relação a minha presença, festa atrás de festa, que era compreendido e até justificado por elas quando explicava que o motivo era estar fazendo pesquisa.

“Não gosto deste espelho; não quero chegar a velha assim, desesperada, quero chegar a velha já do lado de alguém com quem percorri o caminho, com quem tenho uma história”, agrega Paula. Para as mulheres dessa faixa etária a relação de “à procura”/velhice escapa ao *bom senso* e se coloca nas antípodas das expectativas de futuro, aparecendo como um indicador de *fracasso* na carreira moral amorosa que tem como horizonte uma parceira estável.

O reconhecimento e a legitimidade de quem “pode gostar de mulher”, quer dizer, que é *lida como* mulher que gosta de mulher, estão marcados pelo correlato entre estética e geração, que, por sua vez, recriam certas expressões de gênero. Quando a Gabriela fala para Paula, ‘meu amor, elas poderiam ser a tua vovó, o que acha que elas vão vestir?’ ela está localizando a namorada no contexto de situação: são mulheres de certa idade que para os olhos de Paula estão ‘fora de lugar’ *deslocalizadas*, desde estarem em uma situação de conquista até as roupas que para ela são as de “uma vovózinha”. A velhice como estigma está ligada às vezes a valores e conceitos depreciativos, explica Miriam Lins de Barros: feiura, doença, desesperança, solidão (1998: 139). É a partir desse prisma que Paula está analisando as frequentadoras do Olímpico que colocam em questão seus próprios ideais sobre envelhecer.

Por sua vez, as próprias mulheres mais velhas que acodem aos Bailes da Mary possuem regras morais ao redor da sedução e da estética que responde a critérios geracionais: acham fora de lugar vestes “exageradas” como decotes muito amplos, saias muito curtas ou calças muito apertadas o que faz de ‘palhaça’ a mulher que as usa. O que Bourdieu (1988) denomina

¹¹ Grifos no original

princípio de pertinência opera marcando os lindes da correção, desta vez com a relação geração-estética como variável de ajuste para delimitar os critérios de normalidade que além da idade da pessoa que porta as vestes, constituem as regras do baile. O vestuário, para Bourdieu, é uma extensão dos outros bens de consumo cultural, e um dos tipos de consumo que melhor realizam a função de associação e dissociação.

Em sua pesquisa sobre mulheres lésbicas em São Paulo, Regina Facchini (2008) aponta a uma possível conexão entre a rejeição da *masculinização* e a valorização da *discrção* como estratégia para a aceitação e a manutenção da convivência social. Nesse sentido, as apresentações de gênero mais masculinizadas aparecem como “uma falha de um processo de ‘feminização’ necessário para a vida em sociedade” (2008:235). Os jogos de enunciações e silêncios que permitem negociar as “entradas e saídas do armário”, dependendo dos contextos e graus de intimidade das relações sociais, tornam-se mais viáveis se a apresentação de gênero se aproxima a um ideal do feminino. Entretanto, explica Facchini, o caráter de *masculino* deve ser relativizado, uma vez que muitas mulheres que poderiam ser reconhecidas como tal não o sejam, nem por si mesmas nem pelo grupo de mulheres que frequenta (2008: 244). Em sua dissertação sobre parcerias eróticas entre mulheres de camadas médias, Nadia Meinerz explica que, no gerenciamento da visibilidade das relações, o fato de *assumir pra si* não implica necessariamente assumir para os outros. “Mesmo privilegiando a elaboração de um discurso sobre processo de se *descobrir como homossexual*, poucas mulheres “assumem” socialmente uma identidade relacionada à sexualidade” (2005:125). Descrita dessa forma, explica Meinerz, a preocupação em não visibilizar a orientação sexual aparece como uma importante estratégia de manejo do estigma.

Falando do mercado GLS paulista, Isadora Lins França (2007) explicita a diferença que aparece entre os ‘modernos’ e ‘descolados’ que transitam o centro de São Paulo e os ‘quase-modernos’ que mesmo compartilhando referenciais estéticos “o modo de combiná-los, sempre um pouco acima da nota, com acessórios ou roupas ‘fora do lugar’ ou obtidas em lojas de produção altamente massificada” (2007: 246) constitui o diferencial, o ‘quase’ que explicita o limite e a segmentariedade dos espaços e públicos da cena GLS (2007:247).

Um fato interessante é que mesmo que a estética esteja marcando uma reprodução de modelos heteronormados, muitas das mulheres mais jovens que frequentam as boates de Nova Iguaçu às vezes trocam de estética passando, de um final de semana para outro, de um modelo mais masculino a outro hiperfeminilizado, compondo uma fluidez no

seu comportamento. Poder-se-ia falar de um *estar* feminina ou masculina que se constrói entre as nuances estéticas presentes no lugar e não em base a parâmetros externos. A diferença não tem que estar colocada necessariamente na novidade, mas na mudança dentro do leque de possibilidades existentes. A que responde esta mudança? A economia da sedução pode ser uma explicação: a quem querer agradar compõe um quadro específico de vestes, movimentos e espacialidade.

Reconhecer ou decodificar um estilo não é suficiente, é necessário investi-lo, *incorporando* as marcas que esse código “significa”. Quer dizer, não estar investida dessas marcas tem como correlato a invisibilidade: “tu não olha pra sapatona”. Em palavras de Rooke, “a visibilidade de certos tipos de identidades lésbicas contemporâneas sedimenta a maneira pela qual elas se fazem óbvias. [...] O efeito disso naquelas que não podem, ou não querem, ser ordenadas significa que estão presas nas diferenças e sutilmente excluídas da produção do *embodiment* da identidade lésbica” (2007: 264). Essas mulheres que frequentam tanto a Plural como a Arena mudam o visual de acordo com o tipo de mulher que querem procurar ou o tipo de mulher que pretendem que as procure. Se for necessário, esta estratégia vai acompanhada com mudanças do espaço em que elas se movimentam o que significará ficar mais tempo na pista ou na área de música ao vivo. Uma vez mais, a diversidade de grupos presentes nas casas pesquisadas coloca na estética uma marca fundamental na tipificação e divisão dos grupos construindo bordas ou pontes entre eles. Talvez seja o mais próximo a tal de fluidez sexual das moderninhas, mas representada só na estética e não na escolha de parceria sexual que é fixa (sempre mulher).

Permear as lógicas implica também uma *camaleonização* na apresentação de si para se adaptar a um estilo em particular e fazer parte de alvos diferentes dentro da economia do desejo. Posso conjecturar que esta *camaleonização* na apresentação de gênero é uma estratégia de adaptação dentro do mesmo *princípio de pertinência*, quer dizer “estruturar um estilo como modo de representação que, por sua vez, expressa o modo de percepção e de pensamento próprio de um grupo particular” (Bourdieu, 1988: 48).

Como temos visto, nos três espaços pesquisados, o leque de estéticas e as estruturas de casais são bastante amplos. Esta pluralidade dá conta de uma heteronomia que joga por terra a homogeneização de um único grupo, se consideramos a variável da orientação sexual para defini-lo. A tríade vestimenta-geração-expressão de gênero que define a estética imperante nos lugares também desenha critérios de *normalidade* diretamente atrelados às noções de *bom senso* e *sobriedade* que ganham a força de categorias morais. Por sua vez, estas categorias respondem a *ethos* geracionais que

demarcam os critérios de *normalidade*, a partir do momento em que desenharam imaginários sobre as diferentes atuações que devem ser investidas pelos sujeitos presentes no campo. Desse modo, a divisão etária imperante nos estabelecimentos pesquisados reconstitui uma hierarquia interna na qual a diversidade é uma constante que, no entanto, não deixa de fora a diferenciação e a estratificação. Não existe uma única feminilidade ou uma única masculinidade com a qual se identificar, e sim, ao contrário, e segundo as apresentações de gênero descritas, uma variedade de sítios identificatórios que dão conta da complexidade de negociação que tem na habitação da prática seu maior poder e eficácia.

REFERÊNCIAS:

BOOT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre *et al.* A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BUTLER, Judith. Imitación e insubordinación de género. In: **Grafias de Eros**. Historia, género e identidades sexuales. Buenos Aires: Edelp, 2000, p. 87-113.

_____. **Cuerpos que importan**. Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002 (1993).

DEBERT, Guita. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007 (1998).

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras. Mulheres (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. 2008. Tese (Doutorado). Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.

FRANÇA, Lins Isadora. Sobre “guetos” e “rótulos”. Tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. **Cadernos Pagu 28**, Campinas, 2007. p. 227-255.

GREGORI, Filomena. A pornografia e os clones da Castro Street. I **Congreso Latinoamericano de Antropología**, 2005, Rosario. Mimeo.

HALBERSTAM, Judith. **Female masculinity**. Durham, London: Duke University Press, 1998.

LINS DE BARROS, Myriam. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: BARROS, Myriam Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MEINERZ, Nádía Elisa. **Entre mulheres**. Estudo etnográfico sobre a constituição da parceria homoerótica feminina em segmentos médios na cidade de Porto Alegre – RS. 2005. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS. Porto Alegre.

MIZRAHY, Mylene. **Figurino funk**: uma etnografia sobre roupa, corpo e dança em uma festa carioca. 2006. Dissertação (mestrado). Antropologia Social. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRJ, Rio de Janeiro.

MORAES, Andrea. Fronteiras da relação. Gênero, geração e a construção de relações afetivas e sexuais. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Rio de Janeiro, n. 3, 2009, p.10-32.

MOORE, Mignon. Lipstick or Timberlands? Meanings of Gender Presentation in Black Lesbian Communities. **Signs**. Journal of Women in Culture and Society. v. 32, n.1. 2006, The University of Chicago.

POCAHY, Fernando. Marcas do poder: o corpo (do) velho-homossexual nas tramas da hetero e homonormatividade. **Fazendo Gênero 8**. Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.

SIMÕES, Julio. Homossexualidade masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (org.) **Sexualidades e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SIMMEL, Georg. El Espacio y la Sociedad. In: _____. **Sociología**. Estudios sobre las Formas de Socialización. v. 2, p. 643-740. Madrid: Alianza, 1986.